



***Revista do Ginásio Londrinense*, “a voz da mocidade” estudantil de Londrina em tempos de guerra e ditadura¹**

Juliana de Oliveira TEIXEIRA²

Paulo César BONI³

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

Resumo

A *Revista do Ginásio Londrinense*, meio de comunicação e expressão dos estudantes do Ginásio Londrinense, nasceu e circulou em meados da década de 40, em meio a um ambiente conturbado pela Segunda Guerra Mundial e pela ditadura de Getúlio Vargas. Produzida pelos alunos, apresentava características ainda hoje peculiares à imprensa, como as seções fixas. Foi carinhosamente considerada, por três alunas pioneiras, remanescentes da primeira turma de formandos do ginásio, como “a voz da mocidade”. Para a produção deste artigo, além da metodologia de revisão de literatura, foram adotadas técnicas de análise e de história oral, com a realização de entrevistas pessoais. Em termos gerais, ficou explícita a importância de jornais e periódicos de época, independente de seu tamanho ou periodicidade, para o resgate e preservação da história.

Palavras-chave: História de Londrina (PR); história oral; *Revista do Ginásio Londrinense*; GLERB – Grêmio Litero Esportivo Rui Barbosa.

Introdução

Este artigo apresenta e analisa a *Revista do Ginásio Londrinense*, meio de comunicação da “mocidade” do grêmio estudantil do Ginásio Londrinense – instituição de ensino fundada na década de 40. Para tanto, extrapola a situação da educação e traça um panorama do que era a cidade à época e das influências que ela sofria da Segunda Guerra Mundial e da ditadura de Getúlio Vargas. Com isso, pode-se, então, ter uma visão mais ampla da realidade dos primeiros ginásianos de Londrina. O artigo busca identificar em que medida esse ambiente e preocupações irão se manifestar nas linhas da revista. A busca por resposta está fundamentada, sobretudo, na concepção de Borges (2001, p.62-64) que considera os meios de comunicação “fontes riquíssimas para a história dos tempos mais próximos [...]”. Por meio da multiplicidade de informações [...]

¹ Trabalho apresentado na Sessão Jornalismo e Editoração do Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina. Bolsista de Iniciação Científica do projeto de pesquisa *A História de Londrina (década de 40) em textos e imagens*, em desenvolvimento na Universidade Estadual de Londrina. E-mail: juoliveira.teixeira@gmail.com

³ Orientador do projeto de Iniciação Científica. Professor e pesquisador da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: pcboni@sercomtel.com.br



que nos chegam em um jornal, podemos atingir muito da riqueza da realidade multifacetada de outros tempos e outros espaços”.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram utilizados referenciais teóricos sobre a história de Londrina. Para sanar as dúvidas que surgiram, devido, principalmente, à escassez de informações e documentos de época, foi utilizada a técnica de história oral. Segundo, Thompson (2002, p.44), a história oral pode ser muito importante, na medida em que constrói o passado em torno de pessoas, “lança a vida para dentro da própria história”.

Antes de “capital mundial do café”, a “boca do sertão”

Londrina, norte do Paraná, está a 400 quilômetros da capital do estado, Curitiba. Com 497.833⁴ habitantes, é uma das maiores cidades da região sul – e uma das mais recentes, com apenas 74 anos de emancipação política. De 1934 até 2008, teve um crescimento rápido e contínuo, passando de “boca do sertão”, nos anos 30, a “capital mundial do café”, nos anos 60. Esse crescimento é fruto do avanço da colonização e da intensificação da entrada de imigrantes estrangeiros, como alemães, holandeses, italianos, espanhóis, portugueses e japoneses.

Os ingleses, mais pelos empreendimentos que pelo número de imigrantes, tiveram forte participação na colonização norte paranaense. A fertilidade do solo os interessou – e muito - tanto que, em 1925, no dia 24 de setembro, foi fundada em São Paulo a *Companhia de Terras Norte do Paraná* (CTNP). Com o capital essencialmente inglês, 99,86%, e com sócios brasileiros, “a CTNP comprou 515.000 alqueires paulistas de terras (cada alqueire paulista corresponde a 24.200m²) para dar início ao seu projeto de colonização”. (BONI, 2004, p.32).

Foi assim que, a partir de 1929, Londrina deu os primeiros passos. Atraídos pela possibilidade de ter a própria terra, brasileiros e imigrantes das mais diversas nacionalidades vieram colonizar a região. Em 1934, tornou-se município⁵ por força do Decreto n° 2.519, assinado em 3 de dezembro, pelo interventor do estado do Paraná, Manoel Ribas. (BONI, 2004, p.104). Como município, Londrina teve que ampliar e

⁴ Contagem da população em 2007. Informação retirada do site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php> no dia 17 de junho de 2008.

⁵ Antes de se tornar município, Londrina pertencia ao município de Jataizinho, hoje parte da região metropolitana de Londrina.



aprimorar sua organização, principalmente com relação à infra-estrutura que, até então, era de inteira responsabilidade da CTNP. Energia elétrica, abastecimento de água, saneamento, assistência médica, calçamento de ruas, transporte, educação – todos esses serviços tinham que acompanhar o crescimento populacional. Essas expectativas e necessidades foram favoráveis à criação do Ginásio Londrinense, em particular, e à educação – nosso objeto de Iniciação Científica – como um todo.

A educação em Londrina – primeiros anos

A educação de Londrina teve um começo difícil e fragmentado, pontuado, principalmente, pela iniciativa particular. Com a vinda de muitos imigrantes, o número de diferentes etnias era grande e, conseqüentemente, o de idiomas também. Boni (2004, p.187) explica que, povos de origem latina como os italianos e espanhóis, ainda tinham certa facilidade para se comunicar com os brasileiros, mas, para alemães, japoneses, russos... a língua se erguia como uma verdadeira barreira à comunicação. Por isso, esses povos compravam lotes próximos, e, formando grupos, acabavam criando um “pedaço” de sua terra natal “falando sua língua [...], vestindo suas roupas, comemorando suas festas típicas, praticando a sua religião, preservando sua cultura, gastronomia, hábitos e costumes” (BONI, 2004, p.187).

Dessa forma, nada mais natural que os estrangeiros também criassem suas próprias escolas – ação essa reforçada por uma “formação cultural diferenciada não aceitando a hipótese de seus filhos ficarem sem escola” (CESAR, 1976, p.35). E eles não só criaram, como foram os pioneiros da educação em Londrina, com a Escola Alemã de Heimtal⁶, em 1931, e a Escola Japonesa, em 1933.

A primeira escola em língua portuguesa, a “escolinha” só foi instalada em 1934, num pequeno salão cedido pela CTNP. Só havia uma sala de aula e as crianças eram divididas em turmas matutinas, vespertinas e noturnas. O número de alunos é incerto, porque não há qualquer tipo de documento que traga essa informação. (BONI, 2004, p.196).

⁶ Heimtal era um reduto de imigrantes alemães no início da colonização de Londrina. Hoje, a localidade mantém muitas características alemãs, principalmente na arquitetura, na religião e na gastronomia.



Em 1936, o Instituto Mãe de Deus⁷ também abriu as suas portas com 103 alunos matriculados, o que ajudou, mas não solucionou o problema de falta de vagas, visto que, segundo o Serviço de Estatística da Prefeitura de Londrina de 1937, o número de crianças da região urbana com idade escolar, ou seja, 12 anos, era de 3.606. O autor comenta:

Diante desse cenário, o problema educacional – falta de escolas e professores – ganhou magnitude e se tornou um dos principais (senão o principal) assuntos nas casas e ruas da cidade. Em pouco tempo, o problema ficou insustentável e passou a ser prioridade para a administração pública. (BONI, 2004, p.198).

Assim, para atender a reivindicação dos londrinenses, foi criada a primeira escola estadual na cidade, o Grupo Escolar de Londrina⁸. Inaugurado em 14 de julho de 1937, iniciou suas atividades com 587 matriculados, número elevado para a época, o que evidencia o quanto a demanda estava reprimida. Segundo Boni (2004, p.200), cerca de 100 alunos novos se matriculavam a cada ano.

Um fato interessante a se destacar é que, até esse momento, todos os colégios criados ofereciam somente o curso primário. O curso ginásial (equivalente às séries de 5^a à 8^a, como é hoje) precisava ser cursado em outras cidades – oportunidade essa reservada somente aos adolescentes de famílias de maior poder aquisitivo. Analisando a situação e a demanda reprimida, Jonas de Faria Castro⁹ decidiu criar uma escola particular que oferecesse o ginásial – o *Ginásio Londrinense*.

O Ginásio Londrinense

O médico Jonas Faria de Castro, idealizador do *Ginásio Londrinense*, vislumbrou fundar seu estabelecimento de ensino ainda em 1939, porém “a empreitada

⁷ O Instituto Mãe de Deus foi criado em 3 de março de 1936 pelas Irmãs de Maria de Schoenstatt. Vindas de Vallendar, na Alemanha, as Irmãs de Maria alugaram da CTNP uma casinha de madeira no centro da recente Londrina. (LAWAND, 2002, p.31).

⁸ Em 1941, o Grupo Escolar de Londrina teve seu nome alterado para Grupo Escolar Hugo Simas, oficializado por meio da publicação do decreto assinado pelo interventor Manoel Ribas no Diário Oficial do Estado do Paraná, em 5 de dezembro de 1941. A mudança do nome foi uma homenagem do governo estadual ao desembargador curitibano Hugo Simas, que faleceu no dia 27 de outubro de 1941.

⁹ Jonas de Faria Castro, médico formado pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro em 1928, chegou a Londrina em 1936 e fundou a *Casa de Saúde Dr. Jonas*, aberta a todos os médicos da região. Contava com 16 leitos, enfermaria, cirurgia, exames clínicos. Foi ela também a sede das primeiras reuniões para a criação da Associação Médica de Londrina (PELLEGRINI, 1991, p.23).



fugia das possibilidades financeiras do Dr. Jonas à época. Ele precisou de um sócio” (BONI, 2004, p.208). Em 1940, o médico associou-se ao advogado Rui Ferraz de Carvalho e, juntos na sociedade civil *Faria, Castro & Cia.*¹⁰, compraram uma quadra na região central de Londrina. Com autorização e inspeção federal, o ginásio abriu suas portas no começo de 1941, contando com os cursos Primário e de Preparação aos Exames de Admissão da turma ginásial. (BOLETIM, 1980, p.31).

A primeira formatura da escola aconteceu em 1943, com uma turma de estudantes transferidos de instituições de ensino de outras cidades. Em razão dessa heterogeneidade, e por terem feito os primeiros anos em outros cursos, os primeiros formandos não são considerados como os “alunos pioneiros” do *Ginásio Londrinense* – essa designação é reservada aos formandos de 1944, os primeiros terem a trajetória “completa” dentro da instituição.

Também foi em 1944 que chegou à Londrina, vindo de São João da Boa Vista (MG), o professor Zaqueu de Melo, que foi ministro da Igreja Presbiteriana no Brasil da cidade. Convidado a lecionar português no *Ginásio Londrinense*, dois anos mais tarde, estaria à frente do *Instituto Filadélfia* que comprou a escola da sociedade *Faria, Castro & Cia.* Bertan (1990, p.42) esclarece essa transição:

Em 1944, Zaqueu de Melo criou uma sociedade, agregando os evangélicos, com o apoio das Igrejas Protestantes de várias denominações. Inicialmente, ele recebeu o nome de Instituto Evangélico Secundário. Posteriormente, em registro oficial, a Instituição passou a denominar-se Instituto Filadélfia de Londrina.

O *Instituto Filadélfia* organizou-se num sistema de cotas¹¹, que podiam ser subscritas pelos membros de igrejas evangélicas de outras cidades. Para que se alcançasse uma meta mínima de vendas e formasse o fundo de capital necessário para o empreendimento, Zaqueu de Melo viajou durante os anos de 1944 a 1946 por diversas regiões vendendo cotas. Em 1946, com 458 subscrições e uma base sólida, a sociedade adquiriu o *Ginásio Londrinense*. Para tanto, conforme Bertan (1990, p.48), preferiu não lançar mão de recursos próprios e optou por um empréstimo no valor de CR\$ 600.000,00 junto à Caixa Econômica Federal.

¹⁰ O registro da sociedade é de 21 de dezembro de 1940. Por essa razão, o *Ginásio Londrinense* só pôde iniciar suas obras depois dessa data.

¹¹ De acordo com Bertan (1990, p.43), o sistema de cotas pode ser deduzido conforme a citação do Estatuto da própria sociedade do ano de 1945: “O capital de quinhentos mil cruzeiros, divididos em cotas de quinhentos cruzeiros, o que poderá ser aumentado [...]”.



O recibo de compra foi emitido no dia 6 de novembro de 1946 e, a partir de 1947, a escola passou a ser administrada pelo *Instituto Filadélfia de Londrina*, tendo Zaqueu de Melo como presidente. Até hoje o instituto permanece à frente da escola, que expandiu-se e ganhou proporções bem maiores. Atualmente, a instituição, além de ofertar os cursos de Educação Infantil, Fundamental e Ensino Médio do *Colégio Londrinense*, conta com a Unifil – Universidade Filadélfia de Londrina.

Neste trabalho, o recorte se apoiará nos primeiros anos do *Ginásio Londrinense*, principalmente na gestão *Faria, Castro & Cia.*, época em que foram criados o *Grêmio Litero Esportivo Rui Barbosa* e a sua revista mensal.

GLERB - Grêmio Litero Esportivo Rui Barbosa

Não se sabe a data precisa da fundação do *Grêmio Litero Esportivo Rui Barbosa* do *Ginásio Londrinense* – já que a escassez de documentos é grande, inclusive no próprio colégio. Tem-se, porém, a certeza de que a sua criação foi iniciativa da turma pioneira¹². Usando como fontes os números consultados da *Revista do Ginásio Londrinense* e as entrevistas¹³ com as alunas pioneiras Kilda Gomes do Prado Gimenez, Paulina de Oliveira César Silveira e Silvandira Ferrarese de Almeida, pode-se deduzir que o GLERB “nasceu junto com a turma”. De acordo com o texto *Perfil do Dr. Clairmont Orlando Gomes – Fundador do Grêmio Litero Esportivo Rui Barbosa*, presente na *Revista do Ginásio Londrinense* números 7 e 8 (ano II, p.5, maio e junho, 1944), o ano da fundação foi 1941.

1941... Estávamos em aula quando Dr. Rui Ferraz de Carvalho, acompanhado de um senhor entra em classe. Apresenta-nos a visita: - Dr. Clairmont Orlando Gomes, Professor de Educação Física. [...] Na primeira aula de educação física, propôs-nos a criação de um grêmio.

¹² A turma pioneira do *Ginásio Londrinense* tem 31 alunos. São eles: Abrahão Andery, Albino Striquer, Agenor De Múzzio, Ananias Gomes Martins, Celma Azevedo, Claudimar Bueno de Menezes, Cláudio Damiano Staziak, Circe Rocha Loures Bueno, Dulce Aparecida Bonalumi, Dorothea Passos, Esmeralda Silveira Cintra, Francisco Busto Moreno, Gumercindo Fernandes da Silva, Horácio Aizin, Haroldo de Feitas, Heronaka Tamuro, Izaurino Gomes Patriota, Iochihal Kawahisa, Jair Gomes, Kilda Gomes do Prado, Lázaro José Caria de Souza, Manoel Garcia, Maria Luiza Guimarães, Mariwo Nishioka, Milton Gensen, Octávio Venturini, Paulina de Oliveira César, Pedro Faria, Rubens de Jesus, Silvandia Ferrarese e Tupan Aguiar Borges.

¹³ As entrevistas foram feitas em duas etapas. A primeira apenas com a Sra. Kilda do Prado Gomes Gimenez, pessoalmente, no dia 18 de junho de 2008. E, a segunda, com três alunas pioneiras: Paulina de Oliveira César Silveira, Silvandira Ferrarese de Almeida e Kilda do Prado Gomes Gimenez, também pessoalmente, no dia 25 de junho de 2008. Ambas foram concedidas à Juliana de Oliveira Teixeira.

Acolhemos com entusiasmo esta idéia e ali mesmo foi marcado o dia para a primeira eleição. (REVISTA, ano II, n. 7 e 8, p.5, maio e junho, 1944).

A figura do professor Clairmont Orlando Gomes¹⁴ foi fundamental para a formação do GLERB, já que foi o seu idealizador – e foi dele, inclusive, a sugestão do nome Rui Barbosa. Segundo as alunas pioneiras, este patrono foi escolhido devido sua importância intelectual e sabedoria. Em texto na *Revista do Ginásio Londrinense* (ano II, n.7 e 8, p.12, maio e junho, 1944), Rui Barbosa foi considerado “formidável palatino do Direito, da Lei, da Justiça e da Liberdade”. Por ocasião da Segunda Conferência da Paz, em Haia (Holanda), em junho de 1907, ele foi o representante brasileiro, papel que “elevou-o à altura dos maiores países, conquistando glória para seu nome” (REVISTA, ano II, n.7 e 8, p.12, maio e junho,1944) e o codinome *Águia de Haia*. Por essa razão, o GLERB resolveu adotar como símbolo uma águia (figura 1). Até hoje o colégio a mantém como símbolo, mas são poucos os que sabem que ela foi criação dos alunos pioneiros.



Figura 1 – Logomarca do Grêmio Litero Esportivo Rui Barbosa
Fonte: Revista do Ginásio Londrinense, 1944

Como não há acesso a documentos (aliás, não se sabe se há documentos), é difícil montar uma trajetória evolutiva da organização do grêmio, sobretudo nos primeiros anos. Por isso, optamos por trazer a única formação da diretoria disponível, a de 1944, presente na *Revista do Ginásio Londrinense* números 7 e 8 (ano II, p.15-18, maio e junho,1944).

Presidente: Pedro Faria Junior. Vice-presidente: Leda Maria Thereza Otranto, 1º. Secretário: Cláudio Damiano Stasiak. 2ª. Secretária: Paulina de Oliveira César. 1º. Orador: Izaurino Gomes Patriota. 2º. Orador: Manoel Barbosa de Souza. 1º. Tesoureiro: Iochial Kawahisa. 2ª.

¹⁴ De acordo com Silvandira de Almeida, Clairmont Orlando Gomes veio de Recife e chegou em Londrina no mesmo dia que começou a lecionar no *Ginásio Londrinense*. Sua passagem, porém, foi rápida, ficando apenas um ano – “talvez a família não tenha se adaptado”, pontua Silvandira.



Tesoureira: Dorothea Passos. 1º. Bibliotecário: Milton Jensen. 2º. Bibliotecário: Albino Striquer. Diretor Esportivo: Alípio Brás. Diretora Esportiva: Circe Loures Bueno. Zelador: Cavalcanti de Almeida. Secretária da Revista: Leonor Camargo.

Todos os alunos podiam se aliar em grupos para concorrer às eleições anuais. A disputa entre as chapas “era um evento a parte”, realizada com entusiasmo. Porém, Kilda Gimenez revela que já havia “um pessoal meio certo, que sempre acabava se elegendo. Dificilmente venciam os alunos que vinham transferidos, de fora”.

Entre as atribuições do grêmio, pode-se estabelecer três frentes: *esportiva*, *cívica* e *literária*. Na parte *esportiva*, o GLERB era responsável pela organização de campeonatos que envolviam times de outros ginásios, como o *Novo Atheneu*, de Curitiba (PR), e *Ginásio Cambará*, de Cambará (PR), e times da própria cidade, como o da *Casa Comercial Fuganti*. As competições eram legalizadas por meio de um Alvará do Conselho Regional de Desportos do Paraná. Eram abertas ao público e divulgadas pela Rádio Londrina¹⁵. O esporte de mais destaque era o basquete, com um forte time masculino. Futebol e vôlei também eram praticados – este último, principalmente pelas meninas. Um fato interessante a se ressaltar é que o esporte feminino também era bastante ativo, sendo, inclusive, reservado um cargo específico dentro da diretoria do grêmio, o de diretora esportiva.

No que diz respeito à parte *cívica*, o grêmio se encarregava de organizar desfiles em todas as datas comemorativas nacionais – reforçando o sentimento nacionalista que permeava a época devido a Segunda Guerra Mundial e a ditadura de Getúlio Vargas¹⁶. Segundo Paulina Silveira, o grêmio saía às ruas e a “participação dos alunos era total, já que todos eram sócios do GLERB”. Paulina recorda que também houve desfiles de caráter reivindicatórios, como o *Desfile das Lanternas*.

Lembro da vez que saímos às ruas à noite, com pequenas lanternas, cada um com uma. Nós estávamos protestando porque a energia elétrica de Londrina ainda era muito fraca, a iluminação pública era feita com pequenas lâmpadas, que nós chamávamos de ‘tomatinhos’. Houve outra ocasião, também, que saímos em campanha pela cidade recolhendo pneus porque, com a guerra, a falta de borracha era muito grande. E conseguimos reunir muita coisa, o Ginásio foi o que mais arrecadou pneus!

¹⁵ Rádio Londrina foi inaugurada em 15 de novembro de 1943.

¹⁶ A Segunda Guerra Mundial começou em 1939 e terminou em 1945; a ditadura de Getúlio Vargas teve início em 1937, com o estado Novo, e durou até outubro de 1945, quando ele foi deposto.



A faceta *literária*, por fim, ganhará destaque neste trabalho. Desde a sua criação, o grêmio manteve reuniões semanais, todos os sábados a partir das 10h00 para falar de literatura. De acordo com Kilda Gimenez, todos os alunos podiam participar, declamar poesias e cantar. Paulina Silveira complementa, dizendo que após as apresentações, sempre havia a crítica de algum professor, “orientando o que poderia ser melhorado ou elogiando o que tinha sido bom”.

A iniciativa de se criar uma revista também partiu de Clairmont Orlando Gomes.

Dr. Clairmont sempre teve em mente criar um órgão que fosse a voz do ginasiano [...]. Assim sendo, encontramos na Ata da I reunião da Diretoria do Grêmio Litero Esportivo Rui Barbosa, datada de 4 de dezembro de 1941, o seguinte trecho documentário: ‘Ficou também resolvido que o nosso Grêmio publicará um jornal em princípio de janeiro em comemoração ao Ano Novo, contando os principais fatos, atividades do mesmo, e trabalho dos alunos, etc; cujo nome escolhido foi ‘O Ginasiano’. Infelizmente não saiu a lume, ‘O Ginasiano’. A razão não pudemos apurar, pois nada reza sobre este caso as atas seguintes. Mas, o motivo de O GINASIANO não ter saído a lume deve ter sido a partida repentina do Dr. Clairmont [...] (REVISTA, ano II, n.7 e 8, p.8, maio e junho, 1944).

Assim, considerando as funções que a revista tinha que cumprir, foram analisados sua estrutura e conteúdo. Também foi analisado o nível de importância desse meio de comunicação “da mocidade” (termo utilizado pelas alunas pioneiras para descrever a revista), numa época conturbada pela guerra e pelo autoritarismo.

Revista do Ginásio Londrinense – “a voz da mocidade”

O acervo disponível das *Revista do Ginásio Londrinense* é bastante escasso. Só foi possível encontrar alguns números no acervo pessoal da aluna pioneira Kilda Gimenez. Além dessas três edições (figuras 2, 3 e 4), foi consultada, também, a *Revista comemorativa do jubileu de formatura dos pioneiros do ensino secundário de Londrina*, publicada em 1994, que traz artigos dos alunos da “turma pioneira” (1944), e reproduz a mesma capa utilizada na primeira edição da *Revista do Ginásio Londrinense*. Essa publicação é mais fácil de ser encontrada. Consta, inclusive, do acervo da Biblioteca Pública Municipal de Londrina.



Figuras 2, 3 e 4 – Da esquerda para direita, reprodução de capas da *Revista do Ginásio Londrinense* números: 5, de março de 1944; 6, de abril de 1944; e 7 e 8 de maio e junho de 1944

Fonte: Acervo pessoal da Sra. Kilda Gimenez

Características da revista

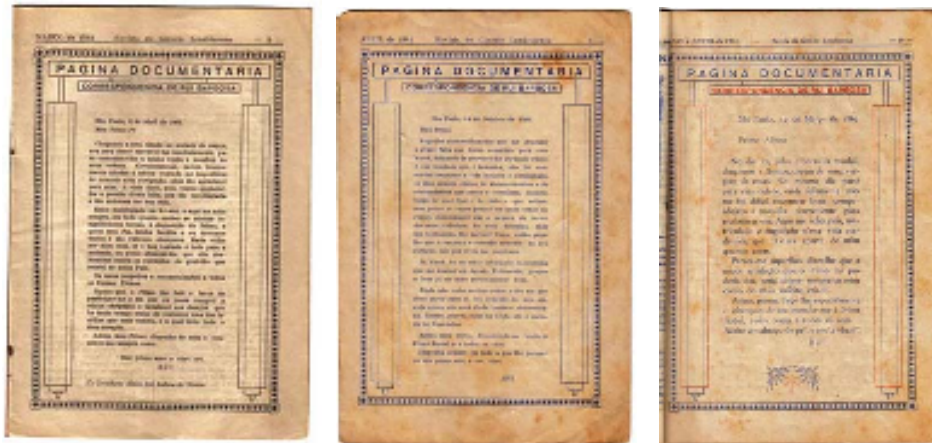
A *Revista do Ginásio Londrinense* começou a ser publicada em junho de 1943, num formato semelhante a um gibi. As edições contavam com um número padrão de 20 páginas, que dobravam quando eram publicados dois números de uma só vez. O conteúdo era inteiro organizado pelo grêmio e a composição e impressão eram feitas pela Tipográfica Oliveira. Não há dados com relação à tiragem. Não existia qualquer tipo de publicidade na revista, posto que a mesma era custeada pelos próprios alunos, por meio de assinaturas, como é possível constatar:

As assinaturas dessa revista deverão ser solicitadas ao Sr. Mario Nishioka e seus auxiliares. Para as assinaturas de outra cidade, enviar a devida quantia (\$20,00) pelo correio à Redação da Revista do Ginásio Londrinense, com endereço e nome legível. Aos alunos do Ginásio e sócios do GLERB é de obrigação assinar a revista (REVISTA, ano I, n.5, p.16, março, 1944).

Apesar da menção às assinaturas de outras cidades, as alunas pioneiras afirmam que nunca souberam de alguém de outro município que a tivesse assinado, sendo a circulação mais intensa entre os alunos do próprio ginásio. Como todos eram sócios do GLERB, todos podiam ter seus textos publicados. Cabia, então, ao editor-chefe, Izaurino Gomes Patriota (eleito para o cargo durante os quatro anos em que cursou o ginásio) organizar o conteúdo, levar os materiais à tipografia, acompanhar a composição dos gráficos e a impressão da revista.

Comparando os quatro números disponibilizados para este trabalho (não se sabe se alguém tem a coleção completa da revista, mas as alunas pioneiras acreditam que não), é possível notar que as edições são bastante heterogêneas e, por trazerem textos de diversos assuntos e autores, não têm uma estrutura fixa. Porém, por meio da linguagem utilizada, a revista convergia para uma espécie de “identidade”, uma linha editorial norteadora. Ela sempre abordava pontos-chave como o *nacionalismo*, o *humor* e a *poesia*. Algumas seções também se repetiam nas edições, dando coesão aos números.

As seções mais observadas no universo pesquisado eram a *Disse – que disse*, reservada para o humor. Seu formato era pequeno, ocupando menos da metade de uma página e sempre trazia o diálogo entre dois ginásianos fictícios conversando sobre a escola ou sobre a própria revista; a *Página Documentária* (figuras 5, 6 e 7), que sempre reproduzia uma carta de Rui Barbosa para seu primo Albino José Barbosa de Oliveira; *Versos e... Poetas* (figuras 8, 9 e 10), para versos e poesias de renomados poetas. Além dessa seção fixa, a revista exibia poemas e poesias estampados em outras páginas que, tanto podiam ser de autores consagrados, como dos próprios alunos. Por fim, a seção *Textos de Rui Barbosa* (figuras 11, 12 e 13), sempre na página espelho (páginas 10 e 11), que, segundo a própria revista (REVISTA, ano II, n.7 e 8, p.25, maio e junho, 1944), “era esse um dos pontos capitais do programa a ser obedecido ao encetarmos as edições”.



Figuras 5, 6 e 7 – Reproduções da *Página Documentária*, que tinha, inclusive, uma página fixa, a número 9. Seu conteúdo era sempre uma carta de Rui Barbosa a seu primo Albino de Oliveira

Fonte: Acervo pessoal da Sra. Kilda Gimenez



Figuras 8, 9 e 10 – Reproduções da seção *Versos e... Poetas*, que também tinha página fixa, a número 12. O conteúdo era sempre uma poesia de algum autor renomado, como Olavo Bilac ou Castro Alves

Fonte: Acervo pessoal da Sra. Kilda Gimenez



Figuras 11, 12 e 13 – Reproduções da seção *Textos de Rui Barbosa*, que ocupava a página espelho (páginas centrais) da revista: “um dos pontos capitais do programa”

Fonte: Acervo pessoal da Sra. Kilda Gimenez

Análise de conteúdo

A “coesão” da revista pôde ser verificada pela *linguagem, humor, nacionalismo e poesia*. A análise de conteúdo das edições disponíveis permite traçar as características principais de cada um desses pontos. A *linguagem*, primeiramente, surge com uma verdadeira unidade. Apesar dos textos serem escritos por pessoas diferentes, a forma de expressar-se e a construção dos períodos é muito semelhante. Além disso, há uma preocupação poética que, mais do que se apresentar em versos, mostra-se também nas narrativas. Tomemos como exemplo um texto de Izaurino Gomes Patriota, sobre o primeiro aniversário da revista:

O SEU PRIMEIRO NÚMERO – uma avezita pousada no frouxel de nosso entusiasmo, enamorada do azul, mas ainda receosa de deferir os seus primeiros vôos [...]. HOJE – uma ave que, destemerosa, alça audaciosos vôos no inatingível azul dos nossos ideais juvenis [...]. AMANHÃ – a avezita implume poderá metamorfosear-se em águia, enchendo o céu da Pátria com o rumor de seus remigios [...]. (REVISTA, ano II, n.7 e 8, p.3, maio e junho, 1944).



No que diz respeito ao *humor*, as edições contavam com a seção *Disse – que disse* que, além de ironizar fatos do cotidiano do próprio colégio, brincava com os professores. Esse é um ponto que merece destaque, pois, se havia essa liberdade, deveria haver um bom relacionamento entre os alunos e os docentes. Kilda Gimenez conta que cada turma tinha seu próprio padrinho, um professor escolhido por eles. Além disso, também relembra que havia “um carinho muito grande pelos mestres, alguns deles chegavam até a serem nossos amigos”. Para ela, um dos professores mais queridos pelos alunos pioneiros era Vitorino Gonçalves Dias, professor de educação física. Em um dos textos da *Disse – que disse...*, Vitorino é colocado no meio da brincadeira:

Rebentacera – [...] pois saiba dessa, a Sala da Biblioteca, a tradicional sala que também iria ser Redação da Revista agora é ponto...
Engoleposte – Mas ponto do que, homem de Deus? Ponto de bonde?
Rebentacera – Eu vou lhe dizer. É... ponto dos... professores. [...] E não fica só nisso dizem por aí que também vai ser Delegacia. Delegacia e xadrez para quem roncar grosso. [...] Dizem que o Delegado vai ser o Prof. Vitorino... (REVISTA, ano I, n.5, p.16, março, 1944).

A questão do *nacionalismo* é a mais interessante das analisadas. Como o momento histórico era de Segunda Guerra Mundial e de ditadura no Brasil, a *Revista do Ginásio Londrinense* acabou se tornando uma rica fonte para se compreender a visão da “mocidade” e de como o ambiente da época influenciava suas idéias e opiniões. Para tanto, foram separados alguns trechos dos números consultados e o que se pôde observar é que os assuntos *guerra*, *amor à pátria* e *exaltação da figura de Getúlio Vargas* aparecem em todos eles. Na edição número 5 (REVISTA, ano I, p.4, março 1944), em um artigo solicitado pela própria revista, Orestes Medeiros (provavelmente uma pessoa de destaque em Londrina) escreveu “Ascultai o âmago de tudo, procurando agir com firmeza para que os passos que vocês [jovens] deixem, não venham desservir o Brasil. É ascultando os gemidos da nossa terra, que fundiremos o aço rijo da nacionalidade.”

Na edição número 6 (REVISTA, ano I, p.8, abril, 1944), que tem como capa uma imagem de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, o texto *Getúlio Vargas* da aluna Carmem Xavier, não só exalta a figura do presidente, como a compara com a do herói:

Lá foi que um dia Getulio Vargas vendo o desencadear convulso da nossa pátria, afogada pela ambição e pelo desinteresse dos dirigentes, organizou uma nova conjuntura, tal qual Tiradentes organizara um dia,



a conjuntura fracassada. Porém Getulio Vargas não fracassou: venceu o ânimo dos amigos e a bravura dos inimigos, como vencera em menino através dos campos, o animal indomável, senhor da campina. (REVISTA, ano I, n.6, p.8, abril, 1944).

Esta edição também traz o texto *Minha Terra*, da aluna Clarisse Ramos (RAMOS *apud.* REVISTA, ano I, n.6, p.18, abril, 1944), no qual novamente o presidente é exaltado: “hoje nosso Presidente é considerado como o homem de maior glória em todo o território brasileiro [...]”. Essas demonstrações de respeito e, acima de tudo, de amor à figura do presidente permitem duas conclusões: ou a revista tinha algum tipo de censor que, além de fiscalizar, exigia que se escrevesse algo nesses termos; ou esse era realmente o sentimento da juventude da época. Silvandira de Almeida, não se recorda se havia alguma espécie de censura dentro da revista, nem se os professores exerciam revisão de conteúdo. “Eu sei que eles liam nossa revistinha, que gostavam, mas acho que nem chegavam a passar por eles antes de ir para a tipografia. Quem cuidava da organização e revisão eram sempre o Pedro e o Izaurino”.

Paulina Silveira, no texto *Do Cafezal ao Perobal... Uma história a ser contada*, publicado na revista do jubileu da formatura, em 1994, descreve “os tempos do nacionalismo exaltado”, o que leva a concluir, de maneira geral, que esse era realmente o sentimento da época e não uma imposição.

Época de guerra para o mundo, de ditadura para o Brasil... Reinava um acendrado sentimento de civismo entre os jovens e, cada um, era um soldado em potencial, pronto para dar a própria vida pela defesa da Pátria se ela assim o exigisse. No Ginásio os estudantes se inflamavam de patriotismo. [...] O culto à Pátria era sagrado. (SILVEIRA *apud.*REVISTA, n.1, p.35, 1994).

Considerações finais

Depois de analisar as páginas dos poucos números disponíveis da *Revista do Ginásio Londrinense* e relacioná-las ao contexto histórico, foi possível observar que elas se erguem como uma riquíssima fonte histórica. A comunicação, enquanto processo fundamental de desenvolvimento social, acaba por refletir não só o que se pretende comunicar, mas também a própria época. Dessa forma, é essencial que se preservem os mais diversos tipos de comunicação – como as antigas “revistinhas” do tempo de escola – que, apesar de não terem projeção tão grande quanto de um jornal diário, podem



ajudar na reconstrução do passado. Com isso – e por meio deles – é possível abrir espaço para o resgate e preservação da história e compreender seu papel essencial na formação do presente.

Referências

BERTAN, Tereza Canhadas. **A educação confessional protestante:** Instituto Filadélfia de Londrina 1944 a 1972. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, 1990.

BOLETIM, MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA CARLOS WEISS. Londrina: Fundação Universidade Estadual de Londrina, n.1, jan./jul. 1980.

BONI, Paulo César. **Fincando estacas!:** a história de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: Ed. do Autor, 2004.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história** – 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CESAR, Zenite Teresinha Ribas. **Estudo da evolução do ensino municipal de Londrina:** 1930 – 1970. Tese apresentada como exigência parcial para obtenção do título de livre docente na Universidade Federal do Paraná. Londrina: UFPR, 1976.

LAWAND, Dioneia. **Colégio Mãe de Deus:** Aspectos históricos, filosóficos e pedagógicos da educação. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Londrina. Londrina: UEL, 2002.

PELLEGRINI, Domingos. **Revista 50 Anos de Arte.** Londrina: Associação Médica de Londrina, 1991.

REVISTA COMEMORATIVA DO JUBILEU DE FORMATURA DOS PIONEIROS DO ENSINO SECUNDÁRIO DE LONDRINA, Londrina, n.1, 1994.

REVISTA DO GINÁSIO LONDRINENSE, Londrina, ano I, n.5, março, 1944.

REVISTA DO GINÁSIO LONDRINENSE, Londrina, ano I, n.6, abril, 1944.

REVISTA DO GINÁSIO LONDRINENSE, Londrina, ano II, n.7 e 8, maio e junho, 1944.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.